



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

Centro de Investigação e Informação do
Património de Cacela
Divisão de Cultura e Educação /
Subdivisão de Cultura e Património
Histórico / CMVRS

NOTA DE EDIÇÃO

Em Maio chega a 45ª edição de
“O Tomilho”!

Nesta publicação divulgamos as
actividades realizadas em Março
e Abril (exposição, oficinas, pas-
seio e mercadinho da Primavera),
incluindo também o dia 1 de
Maio, em que os Maios saíram à
rua na aldeia de Santa Rita e na
Manta Rota.

Com a rubrica *Aconteceu...*
fica ainda a par das activida-
des desenvolvidas nos últimos
2 meses com os mais novos
no âmbito da oferta educativa
concelhia.

A rubrica *Memórias e Saberes*
é dedicada à memória dos
últimos ferradores em Cace-
la, sendo o *Objecto com Histó-
ria* um livro de registos de
dois destes profissionais.

E porque é tempo de favas, o
CIIPC partilha uma receita que
tem por base esta leguminosa e
outros legumes recolhidos na
mini-horta pedagógica.

Para finalizar, damos conheci-
mento da agenda de actividades
para Maio e Junho.

Boas leituras e até ... Julho!

NESTA EDIÇÃO:

<i>Santa Rita e Manta Rota cele- bram os Maios</i>	1
<i>Aconteceu</i>	2
<i>Oferta educativa</i>	5
<i>Memórias e Saberes</i>	6
<i>Objecto com História</i>	10
<i>Receita</i>	11
<i>Vai acontecer...</i>	12

O Tomilho

EDIÇÃO BIMENSAL
NÚMERO 45

MAIO/JUNHO
2023



SANTA RITA

Santa Rita e Manta Rota celebram os Maios

A tradição dos Maios voltou a Santa Rita e a Manta Rota no feriado do Dia do Trabalhador.

Em Santa Rita, a iniciativa realizou-se durante todo o dia 1 de Maio nas ruas da aldeia e foi organizada pela Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, através do Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, com a activa colaboração dos moradores da localidade, com o objectivo de reviver esta antiga tradição festiva tão característica na região.

Os Maios têm vindo a ser elabo-
rados desde 2017 por várias
pessoas: crianças, idosos do lar
da Santa Casa da Misericórdia e
das antigas Casas do Avô, famí-
lias em contexto de oficinas e
comunidade local. Este ano, a
adesão foi mais uma vez muito
positiva, não só pelo envolvi-
mento dos moradores (que
criaram quadras, prepararam
as suas cenas e adaptaram os
maios disponibilizados pelo
CIIPC) como pelo número de
pessoas que visitaram a aldeia
nesse dia.

A par da exposição dos Maios, a Associ-
ação «Santa Rita, a Nossa Aldeia» dina-
mizou novamente um mercadinho com a
participação de artesãos e produtores locais.



Na Manta Rota, os Maios foram
realizados pela Associação «A
Manta» sendo a mentora desta
iniciativa Maria Cândida Justo Ro-
mano. Os Maios puderam ser
apreciados nas principais vias de
acesso ao centro da vila e junto
ao mercado, balneário público e
Posto de Turismo da Manta Rota.



ACONTECEU...

Exposição “Geometria do Plástico”



Durante os meses de Março e Abril o CIIPC recebeu a exposição “GEOMETRIA DO PLÁSTICO” da artista plástica Joana Bandeira Rocha.

A peça esteve exposta na parede da fachada da antiga escola primária de Santa Rita e surge na sequência de vários trabalhos realizados com garrafas de plástico, desde 2018, como forma de utilizar e valorizar o mesmo como matéria-prima em contextos expositivos e artísticos.

A peça foi uma encomenda da Câmara municipal de Loulé, para o festival Med 2022 no âmbito do movimento Infinity - um projeto de economia circular - promovido pelo Loulé Design Lab / Loulé criativo.

Joana Bandeira Rocha (Luanda, 1979) cresceu em Olhão. Nos últimos anos tem desenvolvido práticas artísticas comunitárias que têm culminado com exposições ou instalações (arte de rua) em espaços culturais, artísticos, educativos e de investigação no Algarve. Tem-se debruçado sobre temas relacionados com problemáticas ambientais ou de valorização patrimonial com o lema "com a comunidade, para a comunidade, na busca pelo sentimento de pertença colectiva dos cidadãos com a sua cidade através das artes".

Percurso Passos Contados "Conhecer a Flora do Algarve"

Iniciaram dia 16 de Abril os Passos Contados com o percurso “Conhecer a Flora do Algarve”. Ao longo de uma caminhada no Jardim Representativo da Flora do Algarve na Várzea de Cacula Velha, na margem nascente da ribeira de Cacula e no sapal junto à ria, ficámos a conhecer algumas das espécies mais representativas da flora silvestre do Algarve. O percurso foi orientado por colaboradores do Herbário da Universidade do Algarve (ALGU), a sua Curadora Professora Manuela David e o Arquitecto Paisagista Ricardo Canas a quem agradecemos as explicações tão ricas e estimulantes sobre a nossa flora.



ACONTECEU...

Oficina “Uma mini-horta passo a passo”




 Dia 26 de Março realizou-se no CIIPC a oficina “Uma mini-horta passo a passo. Da semente ao fruto” que pretendeu ser uma iniciação para quem quer produzir os seus próprios alimentos e conhecer o que consome. Foi uma tarde preenchida com muitas tarefas desde a observação de uma horta no centro da aldeia de Santa Rita, ao abordar das fases de planeamento e preparação da horta, selecção de sementes e criação de viveiro de plantas. Foram dadas dicas para as diversas etapas desde a plantação da semente até à colheita do fruto. A horta pedagógica do CIIPC foi melhorada e enriquecida com novas plantações com o envolvimento activo dos participantes. Um agradecimento especial à orientadora Ana Arsénio, técnica superior agrícola na Associação IN LOCO, licenciada em Engenharia Horto-Frutícola, pela partilha de saberes-fazeres.



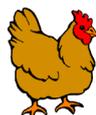
Oficina de Páscoa




 Durante as férias escolares da Páscoa, no dia 4 de Abril, uma dezena de crianças e jovens vieram até Santa Rita, ao CIIPC, participar na **oficina Coelhos e Galinhas de Páscoa**.

A partir de vários materiais disponíveis, foram realizados estes animais que associamos à Páscoa e à chegada da Primavera.

Para a realização desta oficina contámos com a colaboração da Professora Milocas e de Beba Fernandes, que trouxeram ideias, materiais e ajudaram a pôr em prática os trabalhos criados pelos participantes.



ACONTECEU...

Peddy-paper em Cacela Velha



Durante a pausa lectiva da Páscoa recebemos um grupo de 36 crianças e jovens, da Oficina da Criança de Montemor-o-Novo, que vieram visitar a nossa região.

A partir do peddy-paper *Vamos conhecer o Património de Cacela*, ficaram a conhecer a vila de Cacela Velha nas suas múltiplas vertentes

(património natural, arquitectónico, cultural, histórico) a partir de um conjunto de perguntas realizadas ao longo de um percurso, bem como de alguns desafios que lhes foram sendo propostos como desenhar platibandas, descobrir a flora, construir um barco a partir de resíduos encontrados na ria e escrever um poema dedicado aos antigos pescadores de Cacela, um dos quais aqui publicamos.

*Os pescadores afloram o mar
o mar aflora os pescadores
gostam de pescar
mas não precisam de remar
porque têm um motor para os ajudar
e lá vão os peixes ao ar.*



Mercadinho da Primavera de Cacela Velha



Cacela Velha recebeu no dia 16 de Abril mais um Mercadinho da Primavera onde se pôde encontrar artesanato tradicional com artigos de empreita, cestaria, cerâmica, trapologia, entre outros, e novas criações; produtos alimentares da região como o mel, pão, bolos, compotas, licores; flores; cremes e sabonetes naturais; brinquedos artesanais; velharias e artigos em segunda mão (discos, cd's, livros, roupa, brinquedos, quadros,...).



O próximo mercadinho nesta vila será o de Verão, agendado para dia 1 de Julho.

OFERTA EDUCATIVA 2022/2023

Durante os meses de Março e Abril o CIIPC desenvolveu 10 acções educativas com o público das escolas do concelho abrangendo um total de 199 alunos: 59 do pré-escolar, 85 do 1º ciclo e 55 do 2º ciclo.

Continuámos a receber crianças na acção educativa “**À descoberta de Profissões Antigas**” a partir da exposição “Profissões antigas de Cacela”, com 3 turmas do pré-escolar do JI/EBI Manuel Cabanas, de Vila Nova de Cacela. Através de jogos e recriação de algumas das profissões expostas, as crianças ficaram a conhecer algumas das actividades mais importantes da região. Partimos ainda para a experimentação a partir do brincar: pescaram “peixes”, trabalharam como pequenos agricultores na horta e brincaram às mercearias.



Ligada à arqueologia, desenvolvemos com 4 turmas de 1º e 2º ciclos a acção educativa “Arqueólogo por uma manhã”, actividade realizada na parte exterior do CIIPC, na caixa arqueológica com estratigrafia e artefactos arqueológicos de diversas épocas. Durante uma manhã, depois de uma introdução e enquadramento do trabalho que se faz num campo arqueológico, as crianças e jovens transformaram-se em pequenos arqueólogos utilizando as ferramentas e técnicas da profissão.



Na vertente do património cultural, iniciámos o projecto educativo “Cal, cor e platibandas na arquitectura popular algarvia” com 3 turmas, 1 do 1º ciclo e 2 do 2º ciclo, num total de 55 alunos. Dos 3 momentos que integram o projecto, foram realizados 2 momentos: o primeiro momento realizou-se em sala de aula com a apresentação do tema com recurso a um diaporama e num 2º momento foram feitas visitas às localidades das escolas (Vila Nova de Cacela E Monte Gordo) no sentido de observar e reflectir sobre os elementos da arquitectura popular que ainda subsistem.



Memórias e Saberes

“UMA NO CRAVO OUTRA NA FERRADURA”

MEMÓRIA DOS ÚLTIMOS FERRADORES EM CACELA



José Rijo, José Borges e José Ezequiel Tacão foram a última geração de ferradores em Cacela. Ao cessarem actividade na década de 80 do século XX, perdeu-se não só o saber-fazer e as técnicas ligadas ao trabalho do ferro por acção do fogo, mas acima de tudo uma identidade profissional com traços sociais e simbólicos muito especiais. Ferradores e ferreiros foram, desde a descoberta da metalurgia, profissões de grande prestígio social, ligadas à manipulação do fogo na transformação dos metais, à importância do ferro no domínio da natureza e à medicina popular.

Hoje resta-nos imaginamo-los no calor da oficina, com o seu avental de couro, aquecendo o ferro na forja, segurando-o com a tenaz, batendo-o na safra com o malho.

Considerando que até meados do século XX a agricultura dependia da tracção animal (especialmente com muare) para quase todas as tarefas (desde o amanho da terra, ao transporte dos produtos), o ferrador tinha um papel de grande importância no mundo rural. Era ele quem ferrava cavalos, éguas e as bestas de tracção em geral. Dizia-se que “os calçava com ferraduras”, que eram fundamentais para o bom andamento destes animais de carga, pois sem elas os cascos ficavam sujeitos a ferimentos causados por pedras e outros obstáculos nos caminhos.

Com a mecanização da agricultura e a evolução dos transportes, os animais deixaram de ser a principal força motriz, o que veio decretar o desaparecimento progressivo dos ferradores. Lentamente, também os ferreiros se foram extinguindo ou transformando em serralheiros.

Referências históricas e memória oral em Cacela

“Diz o povo que Cacela fora outrora tão grande, que três ferradores que lá havia, em diversos pontos da povoação, não se ouviam entre si, quando estavam martelando o ferro”. (J. Leite Vasconcelos (1919-1920), “Coisas Velhas”, *O Archeologo Português*, vol. XXIV, p. 230)

O mester de ferreiro era já referenciado na Carta de Foral de Cacela de 1283. Também as posturas dos séculos XVII e XVIII fazem menção aos ferreiros sendo exigido que tirassem seu Regimento na Câmara de 3 em 3 anos. Tudo estava taxado para comercialização, desde os machados ao alfeu (alferce, alvião ou picareta), ao sacho, a espero, ao cabresto, ao polegar, à trempe, ao ferrão, ao adubio, ao simples prego ou tacha. (Hugo Cavaco (1983), *A antiga vila de Cacela e o seu alfoz*, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, p.41-42)

Durante séculos estes ofícios – ferreiros e ferradores – estiveram sempre presentes no quotidiano das cidades, vilas e lugares. Ainda em meados do século XX, Fernando Gil Cardeira escrevia em “*Aspectos da Indústria em Cacela nos anos 40 do século XX*”: “Existia uma oficina de ferrador, do José Rijo no Buraco e outra na Venda Nova.”

Pelo contacto com antigos habitantes e familiares destes profissionais é possível reconstruir uma "geografia do ofício" em Cacela, entre os anos 40 e 80 do século XX, sendo conhecidos 3 ferradores com oficina aberta: José Rijo no Buraco, a quem sucedeu o aprendiz José Borges, e José Ezequiel Tação na Bornacha.

José Rijo com oficina no Buraco foi dos três o mais antigo. Valiosa fonte histórica para a caracterização da actividade é o Livro de Registos onde identificou, a partir de 1960, clientes, serviços prestados e valores a pagar (ver rúbrica *Objecto com História*).

Ainda é possível localizar na actual Rua Manuel G. Rosa Mendes a casa onde a sua oficina tinha porta aberta. Aí recebia a clientela maioritariamente de Cacela (zona do litoral até à serra). Ferrava cavalos, éguas, mulas, machos e burros, também colocava canelos nos bois, tosquiava, cortava cascos, castrava animais (especialmente porcos), assistia a partos, vacinava e aplicava tratamentos diversos nos animais doentes que lhe pediam para tratar.

Como outros ferradores, estendia a sua actividade a cuidados de outro tipo como a tosquia, limpeza e alveitaria (veterinária). Eram também, até há bem pouco tempo, os "veterinários do povo", prestando cuidados de saúde aos animais: tratavam de feridas, algumas nos cascos, vacinavam e aplicavam tratamentos, frequentemente com injecções.

Numa época em que a figura e função do médico e veterinário não estava ainda tão generalizada e acessível nos meios rurais, o poder conferido e legitimado aos ferradores para a cura destas enfermidades, levava à afluência às suas oficinas.

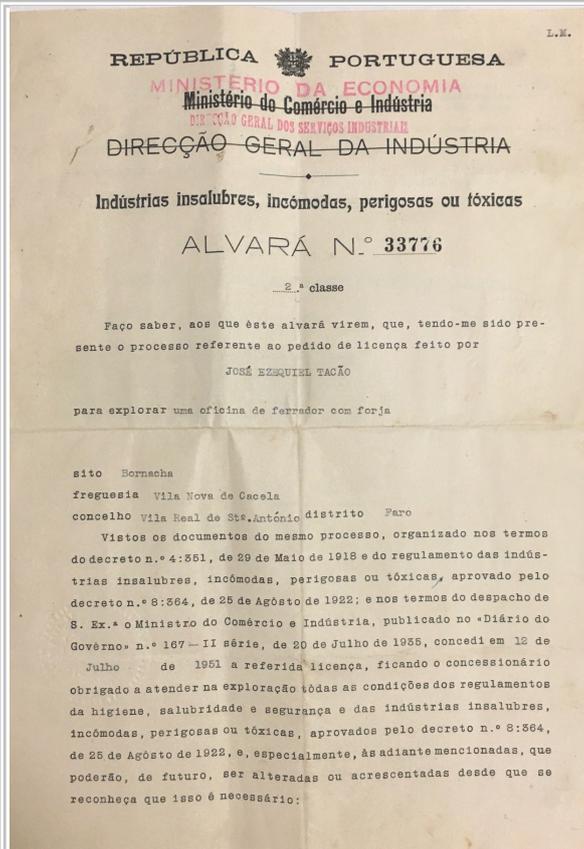
1960		1960	
Enxofre	4 r 6 (Tare)	Enxofre	4 r 6 (Tare)
Janina	14,00	Janina	24,00
"	14 4 m "	"	12 8 " "
"	19 8 " jun(Tare)	"	13 16 canelos boi
"	25 1 " "	"	27 4 m "
Fornia	5 8 m "	"	29 8 " "
"	19 4 " "	Fornia	16 4 " "
Buraco	2 8 " "	Buraco	10 4 " 1 tou
"	7 4 " 1 tou	"	16 8 " 2 "
"	11 4 " 2 "	"	21 4 r 6 "
"	16 3 " "	"	29 4 m 1 tou
"	26 4 m 6 (Tare)	"	30 8 m 2 tou
"	30 4 r 2 ("")	Aluif	4 " "
Aluif	8 4 m "	"	5 8 " 2 toujin
"	22 4 " "	"	26 4 m "
"	25 4 r "	"	29 4 " 6 "
Maio	2 4 m "	Maio	2 4 " "
"	14 4 " 6 (Tare)	"	23 4 " "
"	17 4 " "	"	31 8 " "
"	23 4 " "	Junho	20 20 " "
Junho	1 4 r 6 (Tare)	1960	- Tare - 580,00
"	9 4 m "	Julho	11 4 m "
"	23 8 r "	"	16 4 " "
"	27 8 m "	Agosto	2 8 " "
1960	- Tare - 580,00	"	4 4 " 1 "
Julho	6 4 m "	"	8 4 " "
"	11 4 " "	"	12 8 m 6 m "
"	22 4 " 6 (Tare)	Setembro	3 4 " "
Agosto	12 4 " "	"	29 12 " "
"	4 4 " 6 (Tare)	"	30 4 " "
Setembro	1 8 m "	Outubro	5 8 " 2 tou
"	3 8 " "	"	14 4 m 6 "
"	5 4 " "	"	18 4 m 1 tou
"	20 4 r 6 (Tare)	"	21 16 canelos boi
Outubro	11 3 m 4 r 2 tou	"	22 2 toujin
Novembro	- 338,00	- Novembro	- 584,00

Primeira página do Livro de Registos de José Rijo

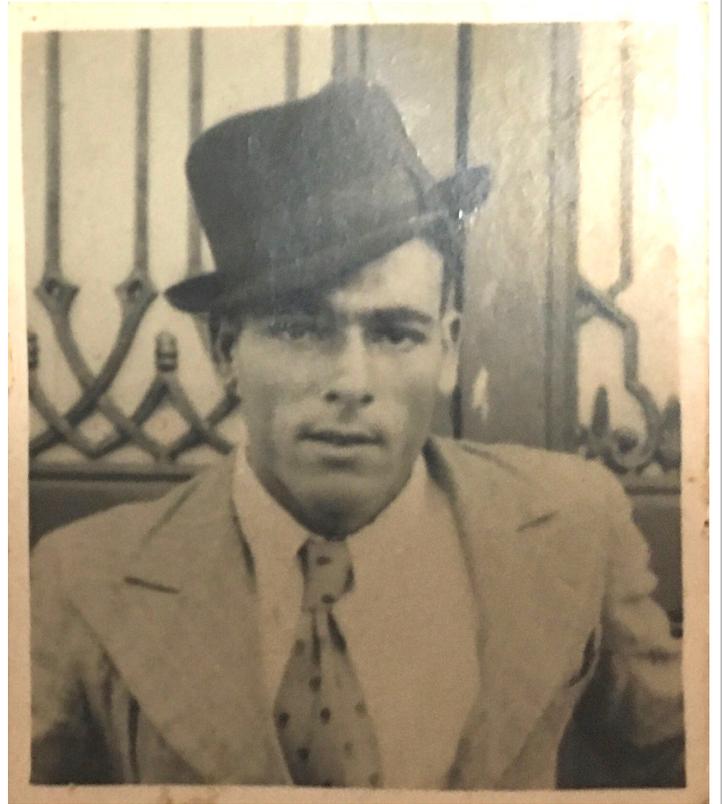


Casa onde ficava a oficina de ferrador de José Rijo

Sucedeu a José Rijo o seu aprendiz José Borges quando o mestre, chamado para ver um animal, teve um acidente de moto perto do Pociinho. Durante um período, trabalhou ainda na oficina do Buraco e mais tarde transitou para o Monte dos Tamisa onde laborou, dando continuidade aos ensinamentos e práticas de José Rijo. Terminou aí os seus dias como ferrador em 1989. José Borges deu continuidade ao Livro de Registos do Mestre, datando de Julho de 1989 o último registo.



Primeira página do Alvará da oficina de ferrador de José Tacão



José Tacão quando jovem

Na Bornacha, em 1946, recebia alvará, para explorar uma oficina de ferrador com forja, José Ezequiel Tacão. Natural do Azinhal (Castro Marim), onde nasceu em 1918, foi lá que, com o irmão também ferrador, aprendeu o ofício com o seu pai (Alfredo Tacão).

O seu irmão trabalhava já como ferrador nesta oficina na Bornacha, de onde saiu para ir trabalhar para os Caminhos-de-ferro no Barreiro. É assim que Mestre Zé Tacão, na altura com 28 anos, aqui se estabelece com a família (mulher, Maria Amália, e dois filhos) iniciando a actividade.

É à filha Maria do Rosário Sales Tacão (que reside ainda na casa onde outrora se localizou a oficina, na esquina entre a Rua Manuel G. Rosa Mendes e o Beco do Ferrador, topónimo que perpetua a memória do lugar) que devemos as informações recolhidas sobre Mestre Zé Tacão e o seu ofício.

Na oficina, casa com duas águas, alugada, laborou com porta aberta durante cerca de 4 décadas. Era na casa na frente com entrada pela actual Rua Manuel G. Rosa Mendes, que ferrava os animais. Na casa do lado (para o Beco) ficava a forja e o fole onde fazia as ferraduras. Aí tinha o ferro, a açafra [o mesmo que bigorna] em cima de um tronco e a espeteira onde pendurava as ferraduras por ordem de tamanhos. *“Porque as ferraduras eram conforme o animal, o cavalo levava uma ferradura grande, mulas e machos era outro lote, também grande, e as do burro eram mais pequenas.”* (M. Rosário Tacão)

A filha recorda-o na forja com o seu fato-macaco (cosido pela mãe em ganga a partir dos moldes feitos pelo mestre alfaiate) e com o avental em cabedal por cima para proteger o corpo do calor da forja, de eventuais queimaduras e da lida com os animais.

A primeira fase para fazer as ferraduras era talhar as barras que comprava em ripas estreitas e compridas. Era uma tarefa dura que exigia frequentemente a ajuda da sua mulher ou filho para segurar a barra enquanto a talhava a frio em cima da açafra, batendo com o malho em cima do ponteiro para quebrar a barra conforme as medidas feitas previamente. *“Nas horas da manhã cedo fazia esse serviço, depois quando tinha as barrinhas, fazia as ferraduras, meia dúzia num dia, meia dúzia noutro... Aquecia o carvão coque (carvão de pedra) na forja, metia lá a barrinha que ia virando com uma tenaz e estando bem quente ia moldando com o malhozinho em cima da bigorna. Depois com um ponteiro fazia 3 buraquinhos num lado e 3 buraquinhos no outro, que era onde iam entrar os cravos. (...) Era preciso muita força nos músculos, para fazer aquele trabalho sozinho. Veja a força que ele tinha, um homem baixinho, mas tinha uns músculos.”* – recorda a filha.

A afluência de animais era grande, especialmente nos dias da Feira das Favas e Griséus, pela Primavera. Para ferrar o mestre começava por tirar a ferradura velha com uma turquês, descascar o casco do animal e depois limar. Assentava então a ferradura e pregava os cravos cujas pontas, depois de viradas, cortava com uma turquês.

“Na altura os animais eram para tudo: puxavam carroças, tiravam água das noras, lavravam a terra. Por isso, no tempo em que o meu pai trabalhava e tinha força, era um ofício que deixava algum dinheiro. Não era por aí além, mas todos os dias o meu pai ganhava.” – recorda M. Rosário Tacão.

Mestre Zé Tacão ferrava, mas quando tinha vagar também tosquiava, e à roda do rabo ou ao lado, fazia um desenho com a tesoura ou máquina de amolar.

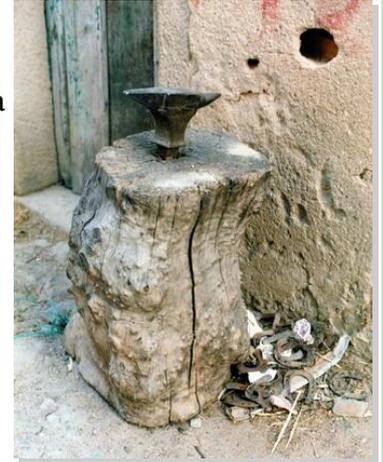
Como grande parte dos outros ferradores, também fazia tratamentos aos animais. *“Até tinha um Simpósio, que entretanto se foi desfazendo e acabou por desaparecer. Dava injeções, tinha uma caixa com as seringas. Tratava uma ferida, desinfectava com creolina. Doenças nos cascos, punha creolina, punha medicamentos da farmácia. Às vezes os animais ficavam aqui dormindo para receberem o tratamento e vinham-nos buscar um dia ou dois depois. Quando eram as vacas bati-am-lhe à porta e era chamado para assistir aos partos e às crias. Dava-se bem com os veterinários. Quando era coisas mais complicadas mandava para o veterinário.”* (M. Rosário Tacão)

Até se reformar trabalhou na oficina, depois (final dos anos 80) surgiu a possibilidade de comprarem o espaço e transformaram-no na casa onde actualmente vive a filha. Já reformado, quando já não tinha a oficina, ia às vezes trabalhar à serra. Nessa altura comprava as ferraduras, vinham-no buscar e ia ferrar os animais. Isto porque a sua clientela sempre foi essencialmente da serra. Segundo a filha *“O Rijo no Buraco era mais antigo e era lá que iam as pessoas de Cacela. As pessoas da serra caíam aqui.”*

Na década de 90 do Séc. XX já não temos registo de nenhum ferrador a laborar em Cacela.

Fontes Oraís

Maria do Rosário Sales Tacão, n. 1946, Vila Nova de Cacela



POEMA

O Caderno do Mestre Ferrador

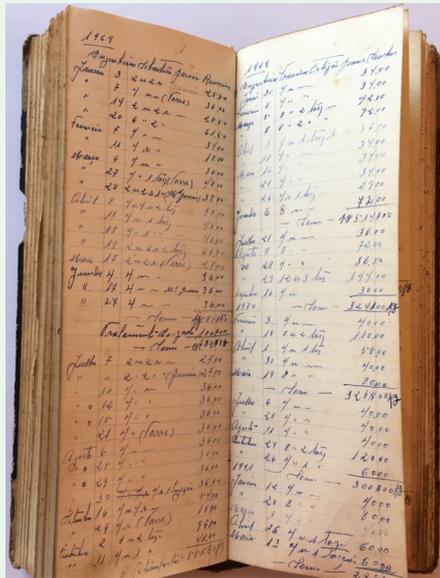
Vinte e seis anos
cabem num caderno de capa negra
de cartão grosso: registo do deve e haver
e do estado dos campos. A vacina
do tétano no mês de Junho
de mil novecentos e sessenta e dois,
as ferraduras novas, a infusão de marcela
ou a tintura de genciana
para o gado vacuum remoer,
receitas com alúmen, o canfocitrol,
a essência de terebintina,
a injeção para as inflamações

nas tetas das ovelhas. Chamavam-lhe
o Mestre. E o Mestre gostava
dessa deferência para com a sua Arte. vê-se
pela caligrafia apurada, pelo esmero
no alinhamento das parcelas numéricas,
pelo modo como, diz quem o conheceu,
olhava uma mula doente, demoradamente,
e se recusava a emitir opinião
enquanto não passasse ao rigoroso,
minucioso exame científico da besta.

José Carlos Barros in *O Uso dos Venenos*, 2018.

OBJECTO COM HISTÓRIA

LIVRO DE REGISTOS DO FERRADOR



Livro de capa negra e cartão grosso com 32 x 12 cm onde o ferrador José Rijo, com oficina no Buraco, registou a partir de 1960 os serviços prestados aos seus clientes (lavradores, pequenos proprietários, com cavalos, éguas ou bestas de tracção em geral).

No livro percebe-se também a caligrafia de José Borges, o ferrador que sucedeu a José Rijo, primeiro enquanto aprendiz, e mais tarde, depois da morte do mestre (não foi possível apurar a data), como titular do ofício. É José Borges quem escreve nas

últimas páginas do livro em 1989 numa altura em que laborava no Monte dos Tamissa.

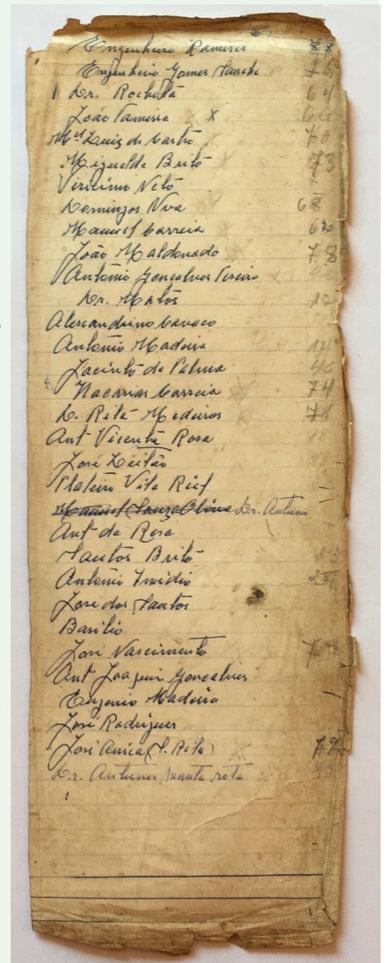
Cada página está organizada por ano e nome do cliente, registando, mês a mês o serviço prestado e o respectivo valor. A soma costumava ser apurada ao fim do semestre ou do ano civil.

De entre a clientela destacam-se conhecidos lavradores da zona: Jacinto da Palma, Zacarias Correia, António Madeira, João Pedro Maldonado, João Bernardino Pires, Miguel de Brito, José Anica, João Guerreiro Tamissa, Sebastião Garcia Ramires, António Vicente Rosa, Francisco Ortigão Gomes Sanches, entre alguns outros mais.

O livro é uma fonte valiosa para a caracterização da actividade de ferrador. Se os serviços mais comuns eram, por certo, a colocação de ferraduras em equinos, asininos e muares e canelos nos bois, são também comuns no livro as tosqias, castrações de animais (como porcos, machos, cavalos), corte de cascos e unhas a vacas, operações (entre elas partos), injeções (como a vacina antitetânica), tratamentos e remédios vários (como pó para a tosse das mulas). Verifica-se que o mestre fazia também alguns trabalhos de ferreiro, sendo registada a venda de foices, arrastos e ferros de charrua.

A clientela era oriunda dos sítios próximos da Coutada, Bornacha, Buraco e Venda Nova, mas também de Santa Rita, Fonte Santa, Manta Rota e Torre.

O livro, deixado por José Borges no Monte dos Tamissa, é actualmente propriedade de Augusta Tamissa e José Carlos Barros.



Folha solta no interior do livro com identificação de clientes



Em Janeiro de 2023 o CIIPC iniciou o projecto da mini-horta pedagógica para complementar a acção educativa “À descoberta das profissões antigas” incluída na oferta educativa do Concelho de Vila Real de Santo António. Este pequeno espaço tem contribuído para as crianças “porem as mãos na terra” e experienciarem a profissão do Agricultor. Em Abril a mini-horta deu os primeiros legumes com os quais preparámos este prato cuja a receita partilhamos nesta rúbrica.

Favas à CIIPC, receita do CIIP Cacela

INGREDIENTES



- Favas
- Nabijas
- Espinafres
- Chouriça
- Ovo (1 por pessoa)
- Coentros
- Cebola
- Alho
- Azeite
- Sal



Preparação

- Faz-se um refogado com a cebola, alho e azeite.
- Junta-se a chouriça e deixa-se cozinhar um pouco.
- De seguida, juntam-se as favas e temperam-se com um pouco de sal, adiciona-se água e deixa-se cozinhar até as favas estarem quase cozidas.
- Neste ponto juntam-se as cascas das favas, e cozem mais um pouco.
- Posteriormente juntam-se as folhas de nabiça, os espinafres e os coentros.
- No final adicionam-se os ovos até ficarem escalfados.

Está pronto a servir! Bom apetite!

VAI ACONTECER...

EXPOSIÇÕES

“PROFISSÕES ANTIGAS DE CACELA”

CIIPC /CMVRSa

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00



OFICINAS (sujeitas a inscrição prévia)

OFICINA “Cal e a Cor nas Casas de Cacela Velha”

Com a Arquitecta Marta Santos

Cacela Velha, Sábado, 20 Maio, 14h30 às 17h30

No âmbito do “CAIA-ME” - Fim-de-semana da cal em Cacela Velha

Valor de inscrição: 6 €



“CAIA-ME”

Fim-de-semana da cal em Cacela Velha

em colaboração com a ADRIP

20 e 21 de Maio

Ação de voluntariado para a caição do espaço público

Sábado, 20 de Maio - das 9h00 às 19h00

Domingo, 21 de Maio - das 9h00 às 13h00

Inscrições até dia 18 de Maio



PASSOS CONTADOS - PASSEIOS PEDESTRES DE INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM

USOS DA CANA. DO UTILITÁRIO AO LÚDICO

Com o artesão Domingos Romeira Vaz

Domingo, 14 Maio

Ponto de encontro: 9h30 em Santa Rita

Valor de inscrição – 5€.

As participações são limitadas e sujeitas a inscrição prévia.



FINAL DO DIA NA SAFRA DO SAL

Passeio nas salinas + degustação

Com o produtor de sal Jorge Raiado e salineiros

Sábado, 3 de Junho

Ponto de encontro: 16h30 em Vila Real de Santo António

Valor de inscrição: passeio 5€ + degustação 5€

As participações são limitadas e sujeitas a inscrição prévia.

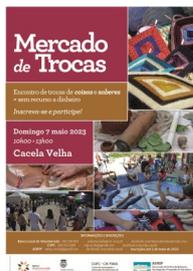
MERCADO DE TROCAS

Encontro de trocas de coisas e saberes

sem recurso a dinheiro

Organização: CIIPC, ADRIP e Banco Local de Voluntariado

Cacela Velha, Domingo, 7 de Maio, das 10h00 às 13h00



MERCADINHO DE VERÃO

CACELA VELHA

Sábado, 1 de Julho, das 17h às 22h30

Artesanato tradicional e contemporâneo / Produtos alimentares regionais / Flores, plantas e ervas aromáticas / Cremes e sabonetes naturais / Velharias e antiguidades / Artigos em 2ª mão / Música

Provérbios sobre ferradores e ferreiros

- Dar uma no cravo e outra na ferradura.
- Batendo o ferro é que serás ferreiro.
- O ferreiro e o seu dinheiro tudo é negro.
- Em casa de ferreiro, espeto de pau.
- Não se malha em ferro frio.
- A ferro quente, malhar de repente.
- Bate-se o ferro enquanto está quente.
- Se ferradura trouxesse sorte, burro não puxava carroça.
- Quem economiza na ferradura perde o cavalo.
- Quando o ferro está acudido, então deve ser batido.



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Divisão de Cultura e Educação / Subdivisão de Cultura e Património

Coordenação e redacção:

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela
Colaboração: José Carlos Barros, Maria do Rosário Sales Tacão e Maria João Tamissa.

Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIP CACELA